

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA ITALIANO, LADO B
3 de Julho de 2011

TUTTI A CASA / 1960
(“Todos para Casa”)

Um filme de Luigi Comencini

Realização: Luigi Comencini / Argumento: Age & Scarpelli [Agenore Incrocci e Fulvio Scarpelli], com a colaboração de Luigi Comencini e Marcello Fondato / Direcção de Fotografia: Carlo Carlini / Direcção Artística: Carlo Egidi / Guarda-Roupa: Ugo Pericoli / Música: Ângelo Francesco Lavagnino / Montagem: Nino Baragli / Interpretação: Alberto Sordi (Alberto Innocenzi), Eduardo de Filippo (pai de Alberto), Serge Reggiani (Assunto Ceccarelli), Martin Balsam (Quintino Fornaciari), Alex Nicol (Dan Toback, o soldado americano), Carla Gravina (Silvia Modena), Didi Perego (Caterina Brisigoni), Claudio Gora (o coronel), Mario Feliciani (capitão Passerini), Jole Mauro (Teresa Fornaciari), Mac Ronay (Evaristo Brisigoni), Vincenzo Musolino, Mario Frera (fascistas), etc.

Produção: Dino De Laurentiis Cinematográfica – Orsay Films / Produtor: Dino De Laurentiis / Cópia: Blu-ray, preto e branco, falada em italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 114 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Em Fevereiro passado, no pequeno programa com que homenageámos Mario Monicelli, mostrámos **La Grande Guerra**, feito em 1959, observação tragicómica (mais trágica do que cómica, em derradeira instância) da participação italiana na I Guerra Mundial. Mutatis mutandis, o filme de Luigi Comencini que vamos ver, **Tutti a Casa**, estreado no ano seguinte, está para a II Guerra como o de Monicelli estava para a I. E não por acaso, bem pelo contrário: a iniciativa teria partido da célebre dupla de argumentistas Age & Scarpelli, também responsável pelo argumento do filme de Monicelli, que encarou os dois filmes, pelo menos a partir de dado ponto, como uma espécie de díptico sobre a Itália na guerra. Terminado o “script” de **La Grande Guerra**, atiraram-se imediatamente à escrita de **Tutti a Casa**, que graças ao sucesso do filme de Monicelli se tornou logo um projecto prioritário para o produtor Dino de Laurentiis.

A participação italiana na II Guerra, como é bem sabido, foi fértil em golpes de teatro e episódios rocambolescos. O ponto de partida de **Tutti a Casa** é um dos mais célebres: o momento em que o Marechal Badoglio, já os Aliados tinham desembarcado na Sicília e no Sul de Itália, assinou o “armistício de Cassibile”, cessando, à revelia dos alemães, todas as hostilidades com os exércitos ango-americanos. Foi “a grande confusão”, de resto o título que o filme de Comencini conheceu em vários países onde estreou (como Espanha e França), e é pela grande confusão que o filme começa: os soldados italianos (liderados por Alberto Sordi) totalmente desorientados, sem saberem afinal de contas quem era o inimigo (“aconteceu uma coisa incrível: os alemães aliaram-se com os

americanos!”), ordens contraditórias ou omissas. A estrutura do exército italiano, na prática, desintegrou-se, e os soldados, crenes de que a guerra tinha, de facto, acabado, fizeram passar uma nova palavra de ordem: “tutti a casa!”.

Mas é claro que a guerra não tinha acabado. As personagens de **Tutti a Casa**, sem um verdadeiro exército para integraram, comportam-se, durante a maior parte do tempo, como se a guerra já não existisse e tudo o que importasse fosse mesmo chegar a casa. Mas, no decurso da sua viagem, tudo o que encontram são lembranças de que a guerra continua, e continua (os “partigiani”, as milícias fascistas, todos os civis) muito para além do exército. Vai demorar tempo, mas Sordi, finalmente, capacitar-se-á de que, de certa maneira, a verdadeira guerra, ou pelo menos o tempo da verdadeira *escolha*, só agora principia. **Tutti a Casa** é a história da transformação do seu espírito, e a da substituição de uma “cultura militar” e desresponsabilizante (as “ordens”, sem as quais parece incapaz de agir) por uma nova consciência. Em termos colectivos, **Tutti a Casa** é como que uma fábula sobre a reabilitação italiana, sobre a libertação dos italianos, em primeiro lugar, do paternalismo mussoliniano.

Também por isso a estrutura “em viagem” (do Norte para o Sul, para Nápoles, terra natal do protagonista), metáfora clássica de um processo de crescimento ou amadurecimento, faz um sentido especial. Ainda mais pela maneira como o filme a preenche – todos os encontros e episódios, mais cómicos ou mais dramáticos (do soldado americano escondido em casa dos Fornaciari à rapariga judia transida de medo), são lembranças vivas de que nada acabou e tudo continua, se possível ainda pior do que dantes. Mas igualmente por isso, o momento verdadeiramente decisivo acontece “em casa”, quando Sordi reencontra – e aqui o simbolismo é altamente relevante – o pai (Eduardo de Filippo), e decide o que decide exactamente *em reacção* às palavras dele.

Reencontrada a capacidade de pensar pela sua cabeça, de definir uma moral própria, de agir para além das ordens (ou para além da ausência de ordens), o Tenente Innocenzi deixa então de fazer jus ao apelido e pode, enfim, voltar a partir, agora no sentido “certo” (do Sul para o Norte), em sintonia com os civis tornados “partigiani” e já não apenas, como sucedera na sua viagem para baixo, cruzando-se com eles.

Luís Miguel Oliveira